

BIZA

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

GRÁTIS

**SUPERPOSTER
COM OS FATOS E
AS MELHORES
IMAGENS DE
1993**

**UMA REPÓRTER
SKATE-PUNK
NO MEIO
DO OLODUM**

PEARL JAM

**EDDIE VEDDER
ESTÁ PIRANDO**

**BLIND MELON
FINALMENTE UNS
HIPPIES QUE
DERAM CERTO**

A CPI DO HOLLYWOOD ROCK

NOVAS SEÇÕES: REGGAE, HIP HOP E A LISTA DE TODOS OS DISCOS LANÇADOS

+ SUBLIMES MANGUE BEAT THE TROGGS E... THE CANNIBALS!

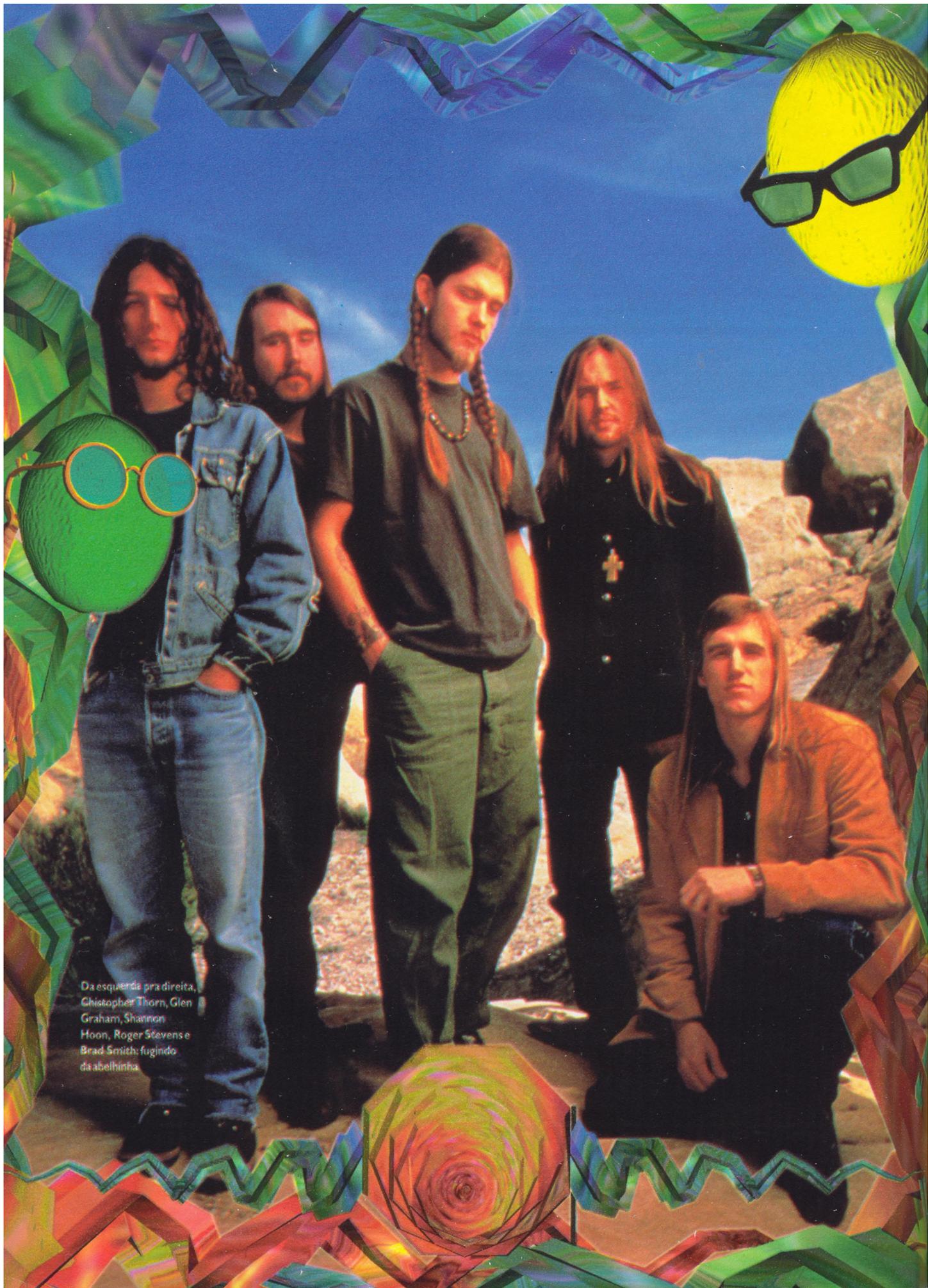


EDITORA
AZUL

5561 ANO 09 • Nº 12 • EDIÇÃO 101 • CR\$ 1.100,00



ISSN 0010-1771



Da esquerda pra direita,
Christopher Thorn, Glen
Graham, Shannon
Hoon, Roger Stevens e
Brad Smith; fugindo
da abelhinha.

BLIND MELON



A história da banda poderia ter
começado e terminado nos 80 mil
curiosos compradores do primeiro disco.
Mas apareceu a tal da menina vestida
de abelha no clip da MTV e...

Era uma vez o Blind Melon, uma banda americana neo-hippie formada por forasteiros vindos do Sul, do Leste e do Centro-Oeste, que se encontraram em Los Angeles, para onde haviam ido em busca de fama e fortuna. Mesmo sob as asas de uma grande gravadora, a tal banda não ia mal para uma principiante – mas também não ia lá muito bem: somente 80 mil pessoas haviam se dignado a comprar o primeiro disco, batizado simplesmente *Blind Melon*. Na era do pós-grunge, a sonoridade melódica e relax da banda parecia fora de hora. Seu maior ponto de venda até então não estava na música, mas na amizade de seu vocalista, Shannon Hoon, com seu ilustre conterrâneo de Indiana, Axl Rose.

Até que veio a abelha. Aliás, uma menina fantasiada de abelha, à imagem de outra garota que já enfeitava a capa do disco. A menina-abelha tornou-se a figura central de um novo videoclip, “Rain”, e o mundo (leia-se todo mundo sob o domínio da MTV), como por encanto, caiu de paixão pela banda. Em pouco tempo, as vendas atingiram o primeiro milhão de cópias nos Estados Unidos.

“No próximo vídeo a menina-abelha será crucificada”, sentenciaria o guitarrista Christopher Thorn numa entrevista ao jornal *Los Angeles Times*. “Ela será atropelada por um caminhão e, em seguida, será esquarterjada. Finalmente, será envenenada e aspergida com ácido corrosivo. Tudo de ruim que puder acontecer com ela, acontecerá.” Felicidade? “É brincadeira”, ele emendaria logo a seguir: “Não acho que muita gente gostaria de ver isso acontecer com a menina. Mas acho que preferimos nos distanciar daquela imagem. Não queremos que daqui a dez anos as pessoas só se lembrem da gente como ‘a banda da abelhinha’”. “Esse vídeo nos apresentou a um público novo, gente que nunca

tinha ouvido falar da gente”, argumentaria com menos bile o baterista do Blind Melon, Glen Graham, irmão da menina-abelha original – aquela que enfeita a capa do disco e as camisetas da banda.

Glen está conversando à beira da piscina do Nikko Hotel em Atlanta, no estado americano da Geórgia, poucas horas antes do show que a banda fará num anfiteatro ao ar livre, abrindo para Lenny Kravitz. “Eu sabia que o vídeo iria nos tornar mais conhecidos, mas, chegar ao ponto que chego, jamais imaginei.” A irmã pode ter sido de Glen, mas a idéia de usar a foto na capa do disco – a imagem passou anos pendurada na sala da casa dos pais de Graham – partiu de Thorn. “Ele viu a foto e cismou que tinha que estar na capa do nosso primeiro disco. Toda menina americana — e talvez até uns meninos – teve algum tipo de experiência ‘artística’ (embaraçosa) na vida, seja dançando jazz, sapateando ou fazendo balé, aquelas coisas horríveis que as crianças fazem quando ainda são bem pequenininhas. Resolvemos integrar aquela imagem ao nosso vídeo, que falava de aceitação – a menina-abelha é repudiada por todo mundo, até que encontra pessoas iguais a ela e finalmente é aceita.”

A popularidade da abelhinha ensinou uma lição a Graham. “A MTV é o que o rádio costumava ser, antigamente. Hoje, o rádio é quase secundário. A garotada chega em casa da escola, liga a MTV, e está tudo lá para elas. ‘Será que eu gosto disso? Acho que gosto!’ E é assim que a coisa funciona.”

Glen não deixa de estar espantado com a pronta aceitação do Blind Melon após a entrada em cena do “vídeo da abelhinha”. “Na minha cabeça”, ele recorda, lembrando os tempos em que chegou em Los Angeles, três anos atrás, “o ideal seria tocar em universidades, criar um público aos poucos, assinar com um selo independente, talvez até lançar um disco de circulação limitada, nada grande demais, depois talvez fazer mais alguns shows em outros lugares. Não tinha a menor idéia de que estaria tocando em estádios abertos. Algum dia sim, mas não tão rápido.”

No palco, naquela mesma noite, as palavras de Graham ganhariam maior ressonância e significado mais claro. Ao vivo, o Blind Melon ainda é uma banda crua, iniciante, que precisa aprender um pouco mais sobre seu relacionamento com a platéia (que responde animadamente na hora de “Rain”, cantando a



“A MTV é
o que o rádio
costumava ser
antigamente.



Hoje o rádio
é quase
secundário”

música toda quase sozinha. Mas aí não vale, é o atual hit martelado diuturnamente pela MTV e pelas rádios do país inteiro). Não há nada de espetacular no show da banda, e a impressão geral é de que todos os integrantes estariam ou muito cansados – a estrada parece não terminar nunca – ou de certa forma (já?) estariam blasés e desiludidos com suas conquistas. E essas conquistas, vale dizer, não foram poucas. A questão é que numa indústria voraz por novidades, numa época em que não mais é dado quase tempo algum de amadurecimento, o Blind Melon foi jogado aos leões cedo demais. E o que a banda está tentando é manter a cabeça no lugar nesse redemoinho incessante.

Não faz tanto tempo assim que Glen Hoon, Thorn, o baixista Brad Smith e o guitarrista Roger Stevens estavam lutando para ser notados numa Los Angeles comandada por legiões de metal-lovers. Com quatro músicas gravadas numa demo-tape, o Blind Melon – o nome vem de um personagem criado pela dupla humorística/doidona dos anos 70, Cheech & Chong, e refere-se a um fictício músico de blues – conseguiu chamar a atenção da Capitol a ponto de ser contratado. Faltava apenas compor mais músicas para perfazer um álbum. Em Los Angeles, no entanto, era impossível trabalhar: a banda se via em meio à intensa badalação por causa da aparição de Shannon cantando “Don’t Cry” no vídeo dos Guns N’ Roses, então deuses supremos e incontestes. Foi preciso um chá de sumiço – todos se esconderam em Durham, uma cidadezinha na Carolina do Norte, para pôr a cabeça no devido lugar e só então recomeçar a compor.

A primeira turnê nacional do Blind Melon foi sob as vistas do mundo inteiro, como parte da “alternativa” 120 Minutes Tour, da MTV (sempre a MTV), ao lado de Live, Big Audio Dynamite e PIL. “Muita gente foi àqueles shows achando que ia ver o Clash ou os Sex Pistols”, diz Graham, “mas em vez de Johnny Rotten, o que elas tiveram foi John Lydon tirando tampões femininos de dentro da cueca dele e jogando na platéia, coisas ridículas desse tipo.” Viria mais, logo depois: turnês abrindo para o Soundgarden, abrindo para Ozzy Osbourne, para Alice in Chains, para Neil Young (aquí, sim, já em estádios abertos). Ralando, ralando, ralando. Até que a abelha pousou.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU